



mudou foi a capacidade da Copa do Mundo de mobilizar o país.

A cada quatro anos, o futebol volta a ocupar um lugar privilegiado na rotina dos brasileiros. Escolas adaptam horários, empresas organizam transmissões coletivas, famílias se reúnem diante da televisão e milhões de pessoas renovam uma esperança que parece resistir ao tempo. Lojas esgotam estoques de camisetas, álbuns de figurinhas somem das prateleiras e o verde e amarelo toma conta de janelas, carros e perfis nas redes sociais.

A Seleção Brasileira é a única presente em todas as edições da Copa do Mundo. Ainda assim, existe uma geração inteira que conhece os títulos mundiais apenas por vídeos, fotografias e relatos familiares. São jovens que aprenderam a torcer pelo Brasil sem nunca terem visto a taça erguida por um jogador da amarelinha. E são crianças que estão descobrindo agora, pela primeira vez, o que é uma Copa do Mundo.

Memórias de quem viu o Brasil campeão

O empresário Antônio Araújo faz parte do grupo de brasileiros que tiveram a oportunidade de viver os anos dourados da Seleção. Nascido em 1974, ele guarda lembranças da Copa de 1982, considerada por muitos uma das seleções mais encantadoras da história, aquela que, mesmo sem o título, conquistou o mundo com Zico, Sócrates e um futebol que parecia arte.

“A primeira Copa que eu lembro foi a de 1982. Foi aquela Seleção Canarinho, de Zico, que encantou o mundo todo. Eu lembro quando a seleção perdeu aquela tragédia nacional, todo mundo muito triste, porque todo mundo estava certo de que ia ser campeão.”

A derrota para a Itália na segunda fase daquela edição ficou marcada como uma das maiores frustrações da história do futebol brasileiro. Mas os momentos mais marcantes para Antônio vieram depois, e em circunstâncias bastante inusitadas.

Em 1994, ele estava na Europa e acompanhou a campanha do tetracampeonato de dentro do território dos adversários. Na semifinal, estava em Amsterdã quando o Brasil eliminou a Holanda. Cercado de torcedores rivais, precisou segurar a celebração. “Eu estava em Amsterdã vendo o jogo do Brasil e Holanda. O Branco fez o gol de falta e só tinha holandês. Eu não pude comemorar.”

A situação se repetiu na final. Desta vez, em Roma, ele assistiu ao confronto histórico entre

Brasil e Itália rodeado de torcedores italianos. Quando Roberto Baggio chutou o pênalti decisivo para fora, e o Brasil era tetracampeão, Antônio voltou a segurar o grito. “94 ficou muito marcado porque a final foi Brasil e Itália. Eu estava na Itália. Vi o jogo em Roma. E quando o Baggio chutou o pênalti pra fora, a gente não pôde comemorar direito. Foram duas comemorações que eu não pude fazer.”

Ao recordar a conquista de 2002, o empresário destaca o retorno de Ronaldo após graves lesões e o talento de uma geração que ainda hoje é lembrada com admiração. “A de 2002 foi muito especial porque foi a volta do Ronaldo. Ronaldo marcou dois gols na final. O time tinha Ronaldinho Gaúcho, era outra geração”, lembra.

Apesar de não ter podido celebrar como gostaria em 1994, ele carrega as duas conquistas com muito carinho. E diz que, para ele, o tempo parece não ter passado tanto assim. “Não parece que já tem 24 anos desde 2002. A de 94 foi muito legal. Parece que todo mundo tirou um peso das costas, porque foram 24 anos, que nem está agora.”

Mesmo depois de tantos anos sem conquistas, ele acredita que a Copa continua sendo um dos maiores eventos do país e que a essência do ritual não mudou. “No Brasil, a Copa é um evento muito cívico. As crianças colecionam álbum de figurinha, tem churrasco, festa. É a única vez que a gente canta o Hino Nacional todo junto, sentindo a mesma energia.”

Soraya Araújo, 46 anos e esposa de Antônio, tem sua própria versão da história. Ela também guarda a Copa de 1994 como a primeira que ficou gravada de verdade na memória, mas viveu a experiência de um lugar bem diferente do marido. “Eu lembro mais a de 94. Eu não estava em casa, estava na casa da minha madrinha.”

Enquanto Antônio torcia rodeado de italianos, em Roma, Soraya acompanhava o jogo em família, no Brasil, na casa de quem a acolheu naquela tarde histórica. A final entre Brasil e Itália, decidida nos pênaltis, ficou marcada como um dos momentos mais tensos da história do futebol brasileiro.

Soraya também lembra de 2002 e da emoção em torno de Ronaldo Fenômeno, que foi para a Copa carregando o peso de quem precisava provar que havia superado as lesões que o tiraram de campo por tanto tempo.

Das edições recentes, uma ficou marcada não pela alegria, mas pela dor: a do 7 a 1 da Alemanha. O fatídico resultado de 2014, sofrido em Belo Horizonte diante de uma torcida que

esperava o hexa em casa, continua sendo a ferida mais difícil de cicatrizar para toda uma geração de torcedores. Soraya não é exceção.

Agora é a vez das filhas

Se Antônio e Soraya guardam lembranças de títulos e tragédias, suas filhas gêmeas, Ana Valentina e Isadora, de 8 anos, estão construindo agora as primeiras memórias relacionadas ao Mundial. Para elas, a Copa ainda é uma descoberta. O álbum de figurinhas, os jogadores, as seleções e os rituais da torcida fazem parte de um universo novo que vai se abrindo a cada jogo.

Isadora está montando o álbum da Copa. Ana revelou que ainda espera ganhar o próprio. Mas a ausência não diminui o entusiasmo. Ela já tem Mbappé como jogador favorito, além de Neymar, pela razão mais simples e mais bonita que existe: “porque ele é brasileiro.”

O pai, ao lado, lembra que será a primeira Copa que as filhas vão acompanhar de verdade. “A primeira que eu lembro foi quando eu tinha 8 anos, então acho que vai ser a primeira Copa que agora elas vão entender o que é, vão ver a gritaria, os berros, a torcida. E, para mim, é um momento muito legal. Você ver Copa com o filho é a realização de que a gente tá aqui junto.”

Apesar da pouca idade, a expectativa já existe, e Ana foi além. Ela criou uma teoria própria para justificar por que acredita no título brasileiro, envolvendo coincidências entre a Copa de 2002 e a atual edição. Na visão da menina, o fato de o Brasil estar no mesmo grupo em que esteve em 2002, aliado à lesão de Neymar, assim como Ronaldo também se machucou antes daquela Copa, é sinal de que o roteiro pode se repetir.

“Minha teoria é: o Brasil ganhou na Copa de 2002. Era muito jogador antigo, o Ronaldinho Gaúcho estava, o Ronaldo. E o Ronaldo teve uma lesão como o Neymar teve agora. E o Brasil caiu no Grupo C. E nessa Copa o Brasil está no Grupo C, e o Neymar teve uma lesão. Então, significa que o Brasil deve ganhar.”

E, ao ser questionada se acredita de verdade, a resposta veio com a honestidade típica de quem ainda tem 8 anos: “Não tenho certeza, mas tenho fé.”

A espontaneidade infantil revela a confiança mesmo sem nenhuma garantia. Quando questionadas sobre como comemorariam um possível título, não souberam escolher entre entrar na piscina, derrubar tudo, gritar e festejar, mas esperam não ter que lamentar a falta do título.